

A ARTE E A OBRA DE ARTE: ORIGEM E REPRESENTAÇÕES**ART AND THE WORK OF ART: ORIGIN AND REPRESENTATION****Kleber Adorno¹**

114

RESUMO: Discorreremos neste artigo, brevemente, e sem o propósito de verticalizar, sobre a teoria de determinados pensadores a respeito da arte e a obra de arte. Na nossa abordagem sobre alguns escritos de Platão foi feita uma leitura sobre o sistema de classificação das artes e nos detivemos naquilo que ele definiu como cópia ou imitação que é o que são os objetos que pertencem ao mundo sensível, sendo que o belo em si mesmo, ou a beleza absoluta, habita, conforme ele designa, o mundo das ideias. Já em Heidegger trabalhamos a questão da origem da arte, e a sua concepção sobre a questão circular que envolve o artista, a arte e a obra de arte como se houvesse uma retroalimentação de um sobre o outro o que possibilita compreender a essência, a origem e a permanência da obra de arte. Em Hannah Arendt procuramos interpretar a definição sobre a inutilidade da arte como condição essencial para a sua imortalidade, e a sua importância como objeto de registro do espírito predominante em todas as eras. Finalmente, em Michel Foucault o ponto focal foi a questão da representação e concepção que a obra de arte muito longe de ser uma cópia ou uma imitação é a criação de um novo e singular objeto.

Palavras-chave: Estética, Cultura, Objeto artístico.

ABSTRACT: In this paper we intend to discuss in a brief and non exhaustive way different theories about art and the work of art. In our approach to some of Plato writings, we worked on the system of classification of the arts and focused on what he defined as copy or imitation, the objects that belong to the sensible world, since beauty itself or the absolute beauty, resides within the world of ideas. In Heidegger we discussed the question of the origins of art, and his understanding about the circular problem involving the artist, art and the work of art, and its constant feedback, which enable us to comprehend the essence, the origin and the permanence of the work of art. In Hanna Arendt we searched to interpret the definition of uselessness of art as an essential condition to its immortality and its relevance as a record of the predominant spirit in all eras. At last, in Michel Foucault the focus was the representation and conception of the work of art is the creation of a new and singular object, and not a copy or imitation.

Keywords: Aesthetics, Culture, Artistic object.

Introdução

Desde os primórdios da civilização a arte ocupou um papel significativo na história da humanidade, seja para encantar e comover as pessoas, seja para registrar e documentar fatos, acontecimentos ou coisas. Assim é que nos diversos períodos dessa trajetória, variadas correntes de pensamento construíram teorias a

¹ Kleber Adorno é graduado em Direito pela Universidade Federal de Uberlândia, Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás e Doutorando pela Universidade Autônoma de Assunção (UAA). É docente do Centro Universitário de Goiás - UNIGOIÁS, tendo sido Coordenador do Curso de Direito, Pró-Reitor de Graduação e Pró-Reitor de Cultura. Atualmente é Secretário de Cultura de Goiânia. <http://lattes.cnpq.br/3919861849274379>

respeito do tema, e instituíram conceitos e sistemas sobre a natureza, origem, permanência, e até sobre a morte da arte.

Independentemente do contexto histórico no qual se fundaram as respectivas reflexões, pode-se constatar que há nelas uma unanimidade sobre o relevante papel da estética na vida dos seres humanos e do mundo.

Os resultados que podemos pressentir ao mergulhar no imenso e fantástico mar pluricolorido das ideias de alguns dos estudiosos que navegaram na questão, é que as mesmas são oceânicas e de imensa profundidade vertical.

Um estudo breve como o que se pretende fazer aqui não comporta perscrutar profundezas abissais ou trilhar senda que possa conduzir a novas descobertas.

A nossa navegação será, portanto, horizontal.

Vamos sobrenadar, procurando percorrer apenas a superfície breve e segura de certas nuances das convicções de alguns teóricos sobre a obra de arte como algo presente no mundo dos homens, e mesmo que nos aventuremos aqui, e ali, numa rápida e sazonal incursão em regiões mais submersas, não é esse o nosso propósito e nem é essa a natureza desse artigo.

Igualmente também não constitui o nosso escopo explorar afinidades ou incompatibilidades, pois a nossa pretensão não é a de evidenciar dicotomias ou teses dialeticamente opostas, e sim a de evidenciar a conformação multicolorida que envolve a questão da arte, inclusive, na sua teorização.

É de se destacar, que além dos variados juízos que os sistemas teóricos estabeleceram, há que se levar em conta também as múltiplas linguagens artísticas, que geraram interpretações diversas a respeito da questão por parte daqueles que ao longo do tempo se debruçaram sobre o assunto.

Haverá também alguns momentos que nossa jornada abandonará a imersão na superfície e voejará por sobre ela, muito aquém do horizonte que hospeda o princípio e o fim do multicolorido arco-íris, para oferecer uma visão panorâmica da pequena, porém importante, lonjura que postulamos desvelar.

É, pois, circunscrito à superfície eleita - o tema e a forma de sua abordagem e a distância e direção planejadas, um olhar horizontal com alguma verticalidade - que iremos discorrer sobre a Estética com enfoque na questão artística, sob o ponto de vista de alguns autores, cujas reflexões se constituem em importantes legados para as gerações que os sucederam.

Primeiramente, é bom destacar, e apenas para referenciar, a diversidade dos pontos de vista, onde alguns deles classificaram a expressão material do ato de criar como aquilo que resulta de um processo de cópia e imitação e não de uma singularidade criativa do indivíduo.

Outros consideraram a arte como o processo de instituição de uma nova realidade, ou uma criação ou recriação de algo diferente daquilo que já fora criado.

Para aqueles, o homem quando cria uma obra de arte ele apenas copia e é um mero imitador, já para estes, quando a arte é concebida significa que o homem não é um imitador e sim possuidor da capacidade humana de recriar ou gerar algo novo.

Considerando outros vetores alguns sustentam que a obra de arte pertence exclusivamente ao mundo material, outros que ela é resultante de um relacionamento entre o mundo do espírito e o da matéria.

Analisando a questão sob o ponto de vista do objetivo da criação da obra de arte e a da sua finalidade, uns afirmam que quando elas são consumidas, são excluídas desse conceito e se transformam em bens não duráveis perdendo, portanto a sua característica primordial.

Outros definem que quando são concebidas como bem de consumo não pertencem mais ao mundo da cultura e sim ao do entretenimento.

Já sob a hipótese de seu significado, há afirmações que a obra de arte é exatamente aquilo que se apresenta em sua estrutura conforme a linguagem artística de sua demonstração, como por exemplo, a pintura de um quadro onde se vê uma cadeira. Nessa perspectiva a cadeira pintada representa uma cadeira, em outra proposição é a imitação de uma imitação da cadeira e, finalmente em outra convicção, ela não é uma cadeira e nem uma imitação dela, mas sim uma coisa diversa com a qual a pintura no quadro se parece.

Finalizando a síntese, onde apenas se plasmou alguns remansos e ondulações na navegação que se fará quanto à sua durabilidade, conceitua-se a arte, em algumas reflexões, como de natureza imortal, e em outras, como finita.

A ORIGEM DA OBRA DE ARTE

Após as considerações introdutórias vamos agora nos deter em algumas noções relativas ao tema, elaboradas por notáveis teóricos que ao conceituar a arte iluminaram obscuridades e facultaram a pesquisa em seus tons, formas e cores. Começamos com Heidegger, filósofo alemão (1889-1976) que vê a arte como essência manifesta da obra que a expressa, sendo que aquilo que nela é aparente e visível guarda em si algo invisível, e que só se deslumbra para premiar o esforço do olhar inquiridor.

Segundo essa concepção a obra de arte é a expressão material de algo que lhe precede, e apenas para comparar - malgrado a singeleza do paralelismo - é como se considerássemos a obra de arte como o corpo que tivesse como seu fundamento o espírito, que seria a arte em si.

Para detalhar melhor a compreensão desses dois elementos que compõem o seu discurso a respeito da origem da obra de arte Heidegger diz:

Origem significa aqui aquilo a partir do qual e através do qual uma coisa é o que é, e como é. Ao que uma coisa é como é chamamos a sua essência. A origem de algo é a proveniência da sua essência. A pergunta pela origem da obra de arte indaga a sua proveniência essencial (HEIDEGGER, 2018, p. 9).

Há aqui, nessa afirmação, dois elementos que integram e explicam, segundo o conceito heideggeriano, a origem da obra de arte. A estes dois o filósofo acrescenta um terceiro elemento sem cujo conjunto completo não se pode explicitá-la que é o artista, ou seja, a arte, a obra de arte e o artista, juntos se completam para aclarar a sua origem.

Os três elementos arte, obra e artista, se unem no círculo, de modo que não há diferença de posições e todos se situam nele, pois se há artista, há obra e há a sua essência que é a arte, e nesse movimento circular é que se sustenta a coerência da sua origem pois "Não só o passo principal da obra para a arte é, enquanto passo da arte para a obra, um círculo, mas cada um dos passos que tentamos se move neste círculo". (HEIDEGGER, 2018, p. 10).

BREVES NOTAS SOBRE A QUESTÃO DA ARTE EM PLATÃO

Inicialmente, de modo singelo, podemos afirmar, para compreender melhor a questão, que nessa teoria há uma divisão em dois mundos: o inteligível, que é o das Ideias ou das Formas, e o sensível, que é aquele mundo das coisas materialmente perceptíveis.

O mundo das Ideias ou das Formas é onde está a essência, o Absoluto, a beleza que se conjuga com a verdade. É esse o mundo em que o homem quando vai pelo simples amor ao que é belo, ascendendo, e por intermédio do amor, adota belos procedimentos e belos princípios, e por isso, pode conquistar a Beleza Absoluta.

Sobre o amor nos diz Platão:

Pois o que deve guiar os homens por toda a sua vida, ao menos aos que tem a intenção de viver bem, não é o parentesco, nem as honras, nem a riqueza, nem nenhuma outra coisa senão o amor. Nada é capaz de fazer tanto bem como o amor. (PLATÃO, 2015, p. 23).

Como o belo para ele está intimamente associado à questão da verdade, um e outra são essenciais para que o indivíduo e a cidade possam construir belas obras, o que, sem isso é impossível.

É é nessa condição quando o homem abandona o mundo das imagens que ele pode atingir o espaço em que se situa a essência das coisas e tem acesso à verdade real e não àquela que é percebida e que está sujeita a juízos de valor o que a torna uma mera aparência. Sobre a conexão entre beleza e verdade podemos ver que:

Ou não consideras que somente quando vir a beleza da maneira como ela pode ser vista, então lhe será possível engendrar não imagens da virtude, pois não está mais lidando com

uma imagem, mas sim as virtudes verdadeiras, porque está em contato com a verdade? (PLATÃO, 2015, p.64).

Ora, se o mundo inteligível é o hospedeiro da beleza absoluta e das coisas divinas o mundo sensível é onde moram os objetos, as aparências e a imitação. O que há nele é a cópia do que se apreende da verdade real das coisas, e é nesse local - o mundo sensível que a obra de arte é construída.

Já vimos anteriormente neste artigo, em Heidegger, os três elementos constitutivos da arte. Platão também elencou - bem antes de Heidegger, e de forma diferente, pois um tratou da origem e o outro da divisão - em sua teoria uma classificação trinária da arte.

É bom que se destaque, que se incorporava à época um rol bem maior - e diferente do de hoje, particularmente o do mundo ocidental - de atividades ao termo arte, e que às vezes não tinha nenhuma ligação com a questão estética, como a medicina, por exemplo.

Na divisão trina mencionada, Platão a concebeu repartida entre a categoria da imitação - a pintura é um exemplo - as que produzem objetos como a arquitetura, e aquelas ligadas às coisas reais como a caça.

Sobre essa interessante questão, trazemos à colação trecho de um artigo de Erinaldo Sales em cujo teor se lê:

Platão tentou classificar as artes de várias maneiras. A primeira delas leva em conta as diferentes artes relacionadas com as coisas reais, os usos que delas se utilizam, como a caça, ou ainda como as que produzem coisas, como a arquitetura. Essa divisão tripartite das artes foi bastante importante nos tempos antigos, classificando as artes que fazem uso da realidade, as que produzem uma nova realidade e as que imitam a realidade. Ainda assim, Platão desprezou as artes que fazem uso das coisas, dando maior importância para as outras duas categorias das artes, as que produzem e aquelas que imitam, ou seja, as 'artes produtivas' e as artes imitativas. (SALES, 2019, p.52).

Vamos, brevemente, nos ater mais à questão das artes imitativas porquanto esse é o foco que estamos elaborando.

Embora nesse período tenha se dado mais importância à poesia, para uma melhor compreensão vamos exemplificar a questão usando como exemplo a pintura por julgarmos mais apropriado, de vez que não vamos verticalizar nossa análise como já dito.

Na concepção platônica quando há um quadro onde se vê uma cama, aquilo não é considerado como uma mera imitação e sim uma imitação da imitação, sendo que a cama retratada já é uma imitação, pois antes de sua construção no mundo sensível ela já existia no mundo das ideias.

Finalizando a nossa curta interpretação das artes em Platão, asseveramos que em sua formulação, o belo pertence ao plano do absoluto, divino e imortal, e os objetos artísticos mesmo bem compostos, não representam a verdade, pois a verdade não está no universo sensível.

Sobre isso, Erinaldo Sales, no artigo já citado afirma:

Para Platão, os objetos incorporavam uma proporção, uma beleza, uma união. Ele buscou então entender esses critérios. O belo estaria no plano do ideal, mais propriamente a ideia do belo em si, que era colocada como absoluto e eterno, não dependendo de outros objetos, ou seja, da materialidade, sendo assim o belo era a própria ideia da perfeição, pois estava plenamente completa, restando ao mundo sensível apenas a imitação ou a cópia dessa beleza perfeita (SALES, 2019, p.57).

O pensamento de Platão a respeito da política, das ciências, da filosofia e da arte, influenciou vários pensadores subsequentes ao período clássico, e até hoje influencia, sendo um filósofo que ao constituir uma cidade ideal, apartou-a do mundo objetivo onde os seres viventes lutam e vivem.

119

A ARTE HUMANA IMORTAL

Vamos agora refletir sobre alguns aspectos importantes de Hannah Arendt de quem Heidegger foi preceptor.

Para ela a arte e a obra de arte são imortais, testemunham a história e são capazes de ultrapassar o tempo de vida dos humanos quando são inúteis.

A questão da inutilidade para ela é traduzida como algo que não foi produzido para o consumo e sim para o uso e são capazes de testemunhar a história já que elas não são feitas para os homens e sim para o mundo.

A arte é decorrente do pensamento que é um exclusivo atributo humano, e a humanidade, no seu entendimento precisa da ajuda do artista que é o homo faber, ou seja, aquele que é capaz de traduzir a sua capacidade de pensar em algo concreto que promova o encantamento, ou que, na sua originalidade e singularidade, se conecte com a verdade de outros seres e provoque neles, sensações e percepções que só podem ser vivenciadas por intermédio do uso da obra de arte.

A obra de arte, portanto, na sua teoria, não é uma cópia ou imitação, e sim algo permanente e imortal, instituído no mundo através de mãos mortais. Sobre isso ela preleciona:

É como se a estabilidade mundana se tornasse transparente na permanência da arte, de sorte que certo pressentimento de imortalidade - não a imortalidade da alma ou da vida - mas de algo imortal alcançado por mãos mortais - tornou-se tangivelmente presente para fulgurar e ser visto, soar e ser escutado, falar e ser lido. (ARENDE, 2020, p. 209).

Daí se deduz que para ela a obra de arte é permanente e se transporta no mundo através das eras e a sua durabilidade como já dito transcende ao tempo de vida dos mortais.

Devido à sua inutilidade, a arte, que não pode ser consumida - pois não foi concebida para isso - tem o destino de ser usada para demonstrar aos homens comuns, coisas muitas vezes imperceptíveis que escaparam à sua compreensão e entendimento. Assim é que nessa vocação de permanência ela vai, ao longo da história, transportando beleza, encantamento, e tornando visíveis coisas, fatos e pessoas, que se não fosse por intermédio da arte permaneceriam reclusas na obscuridade e presas no desconhecimento.

No seu conceito Arendt se preocupa muito menos com as subjetividades daqueles que produziram a obra de arte e mais com o que dela resultou. Na sua voz ela dita:

Nossa atenção recai sobre a cultura, ou melhor, sobre o que acontece à cultura sob as díspares condições da sociedade e da sociedade de massas, e portanto o nosso interesse pelo artista não concerne tanto ao seu individualismo subjetivo, como ao fato de ser ele, afinal, o autêntico produtor daqueles objetos que toda civilização deixa atrás de si como a quintessência e o testemunho duradouro do espírito que a animou (ARENDO, 2016, p. 252).

Como vimos, ela se referiu à sociedade e a sociedade de massas que é aquela que está habituada apenas aos hábitos de consumo e que na maior parte das vezes não usufrui aquilo que possui um espírito mais duradouro. Essa, entretanto, não é a questão desse artigo, pois o que queremos destacar é a importância que ela confere à arte, que na sua teoria, eterniza e testemunha a vida da civilização.

A arte se transformar em bem de consumo perde a sua condição de imortalidade, deixa de ser arte e abandona a sua característica fundamental de pertencimento ao mundo e passa a ser propriedade das pessoas, pois ela não pode ter o destino de conferir status ou posição social e sim de iluminar o mundo.

Tendo como fonte principal do seu nascimento ou da sua origem o pensamento do artista ela garante a sua durabilidade e permanência para além das coisas comuns que subsistirão por tempo determinado em virtude de que não se edificaram para o uso mas para o consumo.

Aliás, na obra de arte subsume-se que a visão do artista, por intermédio da sua criação inspirada na capacidade de imaginar, permite o acesso a certas percepções do mundo e das coisas, o que sem ela jamais, ou dificilmente, seriam percebidas.

Sobre isso Leite leciona que:

(...) em seus exercícios de pensamento, Arendt preferiria a companhia de criadores de produções artísticas como Homero e Virgílio, Shakespeare e Dante, Goethe e Rilke, Ibsen ou Strindberg Haendel e Rembrandt, à de especialistas nas ciências humanas e sociais. Afinal, para ela, as obras desses autores, tinham a capacidade de explorar e iluminar poeticamente a realidade do mundo humano, tornando acessível aos outros homens e mulheres aquilo que, por ser parte integrante dessa realidade não conseguiam enxergar. (LEITE, 2019, p. 549).

Dito isso fica evidente que a sensibilidade do artista consegue captar e transferir para a sua criação, mormente os que foram citados, aquilo que para outros homens era inacessível e que passa a ser visível para eles a partir da obra de arte.

Daí subsume-se que certas coisas, concretas ou não, por inexistirem nas sensações humanas e não fazerem parte da sua realidade, só passam a ter vida e existência real a partir da relação com a arte, que provoca o despertar para a concretude de algo, às vezes preexistente, porém oculto e desconhecido.

Finalmente cabe destacar que essa poderosa pensadora contemporânea, ao lado de suas profundas reflexões sobre a arte, também se ocupou de forma vertical, com filosofia e a política.

A ARTE COMO RECRIAÇÃO

Se para Platão a arte se constituía numa cópia sem valor, pois apenas copiava algo que já fora imitado, para Foucault, a partir do século XVII, ocorre uma mudança radical nesse conceito de semelhança que até então traduzia o real como algo que era apartado da sua representação, e também nas palavras e nas coisas que ocupavam distintos espaços e significações.

Para Foucault, se na episteme clássica a palavra estava presa ao real, na moderna ela se libertou, pois saiu do terreno objetivo e passou a qualificar o discurso como capaz de significar múltiplas formas. Assim é que ele afirma que a literatura, como a conhecemos hoje, nasceu nessa época sendo a obra Dom Quixote a primeira das obras modernas:

Dom Quixote é a primeira das obras modernas, pois que aí se vê a razão cruel das identidades e das diferenças desdenhar infinitamente dos signos e das similitudes: pois que aí a linguagem rompe seu velho parentesco com as coisas, para entrar nessa soberania solitária donde só reaparecerá, em seu ser absoluto, tornada literatura. (FOUCAULT, 2016, p.67).

Ou seja, a palavra se libertou dos signos e das similitudes para ir habitar os espaços da criação deixando de ser aquilo que reproduzia aquela coisa que parecia ser, para significar uma outra coisa, pois deixava de ser uma mera reprodução para ser algo novo que fora criado.

Assim, por exemplo, uma cama numa pintura, não pode ser uma cópia de uma cama, ou uma imitação dela, pois não se pode dormir nela, e sim, um novo objeto que resulta da capacidade do homem de criar.

Aliás, para Michel Foucault, uma obra de arte não pode ser reprodução ou simples aparência, pois há nela vários elementos diferentes que se incorporam ao modelo que a transformam num outro objeto distinto e singular e quando ele diferencia a semelhança - que segue um padrão e um modelo, portanto representação de algo - da similitude, diz:

Assemelhar significa uma referência primeira que prescreve e classifica. O similar se desenvolve em séries que não tem começo e nem fim, que é possível percorrer num sentido ou em outro, que não obedecem nenhuma hierarquia, mas se propagam de pequenas diferenças em pequenas diferenças. A semelhança serve à representação, que reina sobre ela; a similitude serve à repetição, que corre através dela (FOUCAULT, 2014, p.58).

Para Foucault é a palavra que constrói o objeto e não o contrário, pois é ela que o define, designa e nomina e quando, na sua interpretação, a palavra se livrou do objeto e passou a ter múltiplos significados ela se ligou ao sujeito, o que possibilitou a capacidade de criar um novo real e não aquela apenas de representar o objeto por ela designado na sua aparência.

Para finalizar as breves considerações sobre alguns de seus conceitos, é bom enfatizar alguns exemplos em que se pode compreender melhor e ressaltar o divórcio havido entre a representação e o real. No seu entendimento quando se contempla a pintura de uma casa, aquilo não pode ser considerado como uma casa pois não se pode habitá-la, e nem quando se observa o pranto de uma mulher em um quadro, aquilo não é uma legítima expressão de tristeza, pois as emoções são impossíveis de serem retratadas.

CONCLUSÃO

Espero ter contribuído como disse na introdução, com essa ténue navegação, feita nas margens de revoltas incursões realizadas pelos filósofos que nos atrevemos a selecionar para esse modesto vislumbre em seus textos .

A nossa intenção, ao escolher pensadores do período clássico ao contemporâneo, não foi a de analisar e interpretar nenhum tópico de nenhum deles com a pretensão de tentar esgotar o seu significado, mas sim a de, quem sabe, contribuir com o despertamento da curiosidade - sobre as suas reflexões e as suas obras - daqueles que ainda não tiveram o privilégio de conhecê-las e usufruí-las.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 13ª edição, Ed. Forense Universitária, , RJ, 2020.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. 8ª ed., Ed. Perspectiva, SP, 2016.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. 10ª ed., Martins Fontes, SP, 2016.

HEIDEGGER, Martin. **A Origem da Obra de Arte**. Edições 70, Portugal, 2018.

LEITE, Thiago de Castro. O domínio da arte no pensamento de Hannah Arent. **Revista Philia- Filosofia ,Literatura & Arte**, vol 1, n.2, 2019, p.549.

PLATÃO, **O Banquete**. Ed. Martin Claret, SP, 2015.

SALES, Erinaldo. O sistema das artes em Platão e Aristóteles. **Revista Estética e Semiótica**, v. 9, n. 1, 2019. p. 52.

Recebido: 30/06/2020 | Aceito: 15/07/2020